“EU CONHECIA O PORTO DE CABO A RABO”: OS REGISTROS DE MÉMÓRIAS DA ESCRITORA CUIABANA DUNGA RODRIGUES

“I KNEW THE PORTO AREA INSIDE AND OUT”: MEMORY RECORDS OF THE “CUIABANA” WRITER DUNGA RODRIGUES

https://doi.org/10.22228/rtf.v17i1.1344

Viviane Gonçalves da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso
E-mail: vivigsilva@gmail.com

Resumo: Neste artigo, apresentamos a trajetória de vida de Maria Benedita Deschamps Rodrigues, mais conhecida por Dunga Rodrigues, no cenário das letras de Cuiabá-MT, com ênfase na emergência e atuação da personagem como escritora e memorialista. Além disso, durante o novo processo migratório para o Centro-Oeste, pós-década de 1970, observamos a preocupação da escritora com “a invasão forasteira” e a partir daí o empenho em registar suas memórias, ou seja, os traços marcantes dos costumes e da cultura local pelo viés da cuiabania.

Palavras-chaves: Dunga Rodrigues. Cuiabá-MT. Cotidiano

Abstract: In this article, we present the life trajectory of Maria Benedita Deschamps Rodrigues, better known as Dunga Rodrigues, in the literary scene of Cuiabá-MT, with emphasis on the emergence and performance of the character as a writer and memoirist. Furthermore, during the new migration process to the Central-West, after the 1970s, we observed the writer's concern with “the foreign invasion” and from then on, her commitment to recording her memories, that is, the striking features of customs and local culture through the cuiabania perspective.

Keywords: Dunga Rodrigues. Cuiabá-MT. Daily life.

Introdução

Neste artigo, “Eu conhecia o Porto de cabo a rabo”: os registros de memórias da escritora cuiabana Dunga Rodrigues, trazemos à tona a trajetória de vida de Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Cuiabá-MT, 15 de julho de 1908 – Santos-SP, 06 de janeiro de 2001), mais conhecida por Dunga Rodrigues, com ênfase na emergência e atuação da personagem como escritora e memorialista; segundo, em “variação de escalas”[1],

[1] “[...]. O acesso a essa modalidade do olhar historiador constitui uma importante conquista da história do último terço do século XX. Jacques Revel não teve medo de adotar o termo “jogos de escalas” para saudar *o exercício dessa liberdade metodológica* que atribuiremos, no momento oportuno, a parte da interpretação implicada na investigação da verdade em história. Depende desse jogo de escalas a postura micro-histórica adotada por alguns historiadores

através da análise de seus escritos literários, objetiva-se compreender as maneiras de viver e morar em Cuiabá. Neste sentido, buscamos percorrer os roteiros da "cuiabania", ou seja, – o cotidiano de Cuiabá, do viver ao morrer em vizinhança – especialmente, do Porto à Cidade.

Para tal feita, optamos por analisar os acontecimentos da vida (pública ou privada) de Dunga Rodrigues, fazendo uso teórico-metodológico das noções de "campo" e "trajetória", esta última concebida "[...] como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações."[2] O que implica pensarmos: a apresentação *pública*, a representação *privada*, ou melhor, a produção de *si*.

> [...]. O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.[3]

Deste modo, Pierre Bourdieu ressalta a importância do autor (a) no processo de criação de uma obra literária, bem como, os encargos conferidos à autoria:

> O autor é realmente um criador. [...]. Ele transforma profundamente a visão do mundo, ou seja, as categorias de percepção e de apreciação do mundo, os princípios de construção do mundo social, a definição do que é importante e do que não é, do que merece ser representado e do que não merece. [...]. Representar, trazer à luz, produzir, isso não é pouca coisa. E então possível, nesse sentido, falar de criação.[4]

O que sugere discorrermos da singularidade individual à especificidade. E ponderarmos sobre o que há de "específico" nesta trajetória de vida? Segundo Paul Veyne, na escrita da história, o "específico" quer dizer ao mesmo tempo "geral" e "particular":

> A história interessa-se por acontecimentos individualizados, [...], mas não é sua própria individualidade que a interessa, ela procura compreendê-los, isto é, encontrar neles uma espécie de generalidade ou, mais precisamente, de especificidade. [...]. Assim é a seriedade da história: ela se propõe a narrar as civilizações do passado e não a salvar a memória dos indivíduos; ela não é uma imensa coletânea de biografias. [...]; a história narrará, isso, em bloco, pois não tem nenhum motivo para se apaixonar por um deles em

italianos. Ao reterem como escala de observação um vilarejo, um grupo de famílias, *um indivíduo apanhado do tecido social*, os adeptos da *microstoria* não somente impuseram a pertinência do nível micro-histórico no qual operam, mas trouxeram para o plano da discussão o próprio princípio de *variação de escalas*." RICOEUR, Paul. II História/Epistemologia. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 220.

[2] BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & Abusos da História Oral*. 6º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 189.

[3] Idem, p. 190.

[4] BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 179-180.

> particular; ela não se ocupa dos indivíduos, mas daquilo que oferecem de específico, pela boa razão que, como veremos não há nada a dizer da singularidade individual que possa servir de suporte à valorização [...]. O indivíduo, seja como papel principal da história ou figurante entre milhões de outros, só conta historicamente pela sua especificidade.[5]

Neste sentido, problematizamos a trajetória de vida de Dunga Rodrigues inserida na sociedade cuiabana, no tempo da casa, no magistério e da produção musical e literária. Ou seja, campos de atuação que procuramos investigar e perceber nele um percurso que altera-se ao longo do tempo e reflete em seus artigos, crônicas e livros.

Festejos, cotidiano, costumes e memórias. São termos que atravessam a obra literária de Dunga Rodrigues, em uma linguagem literária articulada ao campo semântico da memória[6]: lembranças, recordações e esquecimento. Observe, atentamente, estes aspectos no fragmento abaixo:

> Pelo menos, não tenho noção de um primeiro baile. Não se usava o *Debut*.
> Eu dancei desde criança, com todos os meninos do Porto em festas familiares de aniversário, ou simplesmente pura vontade de se reunir para dançar. Além disso, havia as retretas no jardim da cidade, onde se dançava em roda do chafariz.
> O pitoresco de algumas festas era o retorno.
> Um baile em casa de Augusto Fontes, no alto da Rua Cândido Mariano, nos fazia (a turma do Porto) tirar os sapatos na Praça da Matriz e vir com eles nas mãos até o Porto.
> Não peguei as movimentadas festas do Gurgel, Augusto Gurgel do Amaral Júnior, lá no Bosque. A caminhada de saltos altos deveria exigir maiores sacrifícios.
> Em troca, os São Joãos da Prainha e do Porto exigiam malabarismos para quem viesse do Lavapés ou do Baú.
> O fôlego da gente festeira de Cuiabá espantava os paus rodados.[7]

Destacamos que, Dunga Rodrigues foi uma observadora atenta dos costumes e do cotidiano de famílias cuiabanas; dos laços afetivos e da casa aberta à vizinhança. Verificamos ainda, através das memórias da escritora, pós-década de 1970, a preocupação com "a invasão forasteira", num contexto caracterizado por políticas arbitrárias de Estado – de incentivo à ocupação dos "vazios geográficos" e invasão de terras indígenas –, ocasião do intenso e vigoroso processo migratório para a região Centro-Oeste.

O referido contexto histórico, inspirou criações de obras literárias, manifestações artísticas e culturais, por parte de intelectuais e artistas, afeitos às causas da "cuiabania", o

[5] VEYNE, Paul. *Como se escreve a história;* Foucault revoluciona a história. 4ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998, p. 56-57.

[6] "Neste sentido, seria preciso distinguir, na linguagem, a memória como visada e a *lembrança como coisa visada*. [...]. É neste sentido que falo das *coisas* passadas. Uma vez que, na memória-lembrança, o passado é distinto do presente, fica facultado à reflexão distinguir, no seio do ato de memória, a questão do *o que?* da do *como?* e da do *quem?* RICOEUR, 2007, p. 41.

[7] RODRIGUES, Dunga. Bailes. In: SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Org.). *Dunga Rodrigues:* Homenagem do IHGMT pelos 112 anos de seu nascimento. Cuiabá-MT: Paruna Editorial, 2020, p. 99.

grupo advogava em favor de "coisas genuínas", sob forte alegação de que os costumes, a cultura e a vida cotidiana de Cuiabá estavam "ameaçadas", principalmente, diante da "invasão forasteira" – dos ditos "paus-rodados" – àqueles que estavam em busca riqueza fácil. Conforme observação de Lylia Galetti,

> [...], o título de pau-rodado, expressão cuiabana que, dentre outros sentidos possíveis, designava, de forma pejorativa, os que vinham de fora exclusivamente para fazer fortuna, mas acabavam ficando, como pedaços de paus encalhados numa curva de rio, sem de fato serem afetados pela história do lugar e de sua gente, por seus hábitos e costumes, por seus problemas e desafios.[8]

Lylia Galetti pesquisou, de modo especial, o impacto das transformações econômicas e socioculturais provocadas pela frente de expansão capitalista, na percepção dos mato-grossenses e em especial dos cuiabanos, que refletiam a respeito de seu próprio espaço social e de sua realidade de:

> Fronteira do Brasil com dois países estrangeiros, situado no interior mais recôndito do território nacional, com grande parte de suas terras chamadas de sertão e sobre o domínio de inúmeros grupos indígenas, que lugar seria reservado a Mato Grosso e suas populações no *mundo civilizado* da passagem do século XIX para o século XX?[9]

Tal questão causava-lhe incômodo, pois, diante da nova onda migratória das décadas de 1960-70, desencadeada pelas propagandas políticas de colonização e ocupação do Centro Oeste e da Amazônia, agenciadas pelos governos militares e alimentadas por sua ideologia de *integração nacional*, ela passou a ouvir inúmeras queixas sobre como era Cuiabá antes da chegada dos migrantes, sobretudo, da região Sul, e como tudo mudou rapidamente. Além disso, Lylia Galetti acompanhou de perto o engajamento de artistas cuiabanos em um movimento de resistência voltado para a preservação da cultura regional.

Nos dizeres de Dunga Rodrigues, as campanhas de penetração da "hinterlândia"[10] foram amplamente divulgadas pela imprensa, eram o *slogan* do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira:

---

[8] GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, Fronteira, Brasil:* imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. Cuiabá, MT: Entrelinhas; EdUFMT, 2012, p. 18.

[9] Idem, p. 23.

[10] "As categorias do imaginário responsáveis em munir o ideário nacional da ideia de ser da hinterlândia, [...], apresentavam a região como selvagem, exótica e distante. A hinterlândia, o sertão, não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados lugares; um símbolo imposto, uma realidade simbólica. O sertão não pode ser mensurável, já que a fronteira é movimento e seu avanço em prol do desenvolvimento, da valoração do espaço dentro do capital. [...], e sob estes aspectos [...] consolida-se como um sertão misturado, em que suas diversas temporalidades, criadas pelos diversos atores e suas complexidades históricas, velocidades, conflitos e intencionalidades formam um território integrado ao sistema do capital, mesmo que localizado na margem." In: LIMA, D. A. e. O mundo da hinterlândia e os

> Ideia que na época, muitos se manifestaram descrentes, sobre a sua própria realização, pois o isolamento desta região era patente, acentuado pela dificuldade de atingi-lo.
> Poucos, penso eu, acreditavam nesta marcha tão intensa para o nosso Interland.[11]

Dunga Rodrigues, dentre outros artistas, mostrou receosa diante "[...] de uma provável maciça invasão forasteira nesta região"[12], dado que passou...

> [...] a temer pelas nossas coisas genuínas. Outras gentes, apesar de irmãos, viriam com suas culturas, suas tradições e seu folclore, embora este último gênero, só então estivesse desabrochado para a nossa elite, que só tardiamente começou a manifestar interesse por isto.[13]

Diante dos registros acima, verificamos a importância dada a cultura cuiabana para as criações da cuiabania. Entretanto, constatamos que cuiabania apresenta diferentes abordagens. Para alguns grupos, cuiabania foi uma forma peculiar de luta contra a supressão dos conhecimentos locais e obliteração das diferenças culturais, já para outros, foi uma postura bairrista e hostil dos cuiabanos para com as pessoas de fora, denominadas de "paus-rodados". Além destas polarizações, não podemos negligenciar o importante debate aberto, por estes grupos, sobre a valorização da cultura cuiabana e os impactos da modernidade no dia a dia da cidade.

Neste sentido, segundo Elizabeth Madureira Siqueira, Dunga Rodrigues, "[...] representou um dos mais expressivos símbolos da cuiabania e uma de suas eminentes personalidades."[14]

Conforme Larissa Silva Freire Spinelli, cuiabania foi um conceito grafado por Benedito Sant'Ana da Silva Freire, compondo o quarto bloco do poema "cerrado/raízes"[15], que propõe uma espécie de pacto entre o tradicional e o moderno. Contudo, a cuiabania de Silva Freire, foi a expressão de crítica cultural e representação de um instinto de autodefesa cultural, mediante os impactos do "progresso" e do processo de modernização vivenciado por Cuiabá, sob o avanço da fronteira capitalista durante as décadas de 1970 a 1990.

---

avanços da fronteira no espaço tocantinense. *Textos e Debates*, [S. l.], v. 2, n. 26, 2015, p. 99. Disponível em: https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/2790. Acesso em: 2 out. 2023.

[11] RODRIGUES, 1997, p. 4.

[12] RODRIGUES, 1997, p. 4.

[13] Idem, p. 4.

[14] SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Org.). A portentosa e inesquecível Dunga Rodrigues e sua contribuição para o resgate cultural em Mato Grosso. In: *Tributo a Dunga Rodrigues:* gratidão e saudade. Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura; Carrión e Carracedo, 2002, p. 21.

[15] SPINELLI, Larissa Silva Freire. *A Fidelidade Telúrica de Silva Freire:* poética em fluxo decolonial. 253 f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2018, p. 101.

A trajetória de Dunga Rodrigues

Durante a infância, Dunga Rodrigues vivia entre a casa da avó paterna Benedita Alves Rodrigues e a casa dos pais, Maria Rita e Firmo Rodrigues, lugares que lhe proporcionou inúmeras descobertas. Acima de tudo permitiu-lhe o livre acesso. De acordo com Fernando Tadeu de Miranda Borges,

> Quando criança, Dunga Rodrigues teve bastante liberdade e brincou muito de *descobrir o Brasil*, onde pulava a partir do fundo do quintal uma série de cercas de propriedade de particulares com as coleguinhas e, quando encontravam com alguns dos donos das áreas, pediam *desculpa, desculpa, com licença* e continuavam na caminhada de descobertas das terras brasileiras até alcançar o *Mundéo* e depois retornavam caminhando pela rua Nova.[16]

Desde a infância dedicou-se com afinco à prática pianística, estudando inicialmente com a *Soeur* Marie Vicent, diplomada pelo Conservatório de Paris. Obteve formação técnica em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio de Cuiabá (1944), diferente de outras jovens, que faziam opção pelo Curso Normal. Foi estudiosa da Língua Portuguesa e Francesa, com o professor e linguista Cesário Neto, o que lhe possibilitou concorrer a uma vaga em concurso à cadeira de Língua Francesa do Colégio Estadual de Mato Grosso, aposentando-se na carreira do magistério com duas cadeiras[17], em 29 de agosto de 1984, aos 76 anos, à época lotada nas Escolas Estaduais "Liceu Cuiabano" e "Presidente Medici":

> Como professora de francês era competente, assídua, pontual; admitia brincadeira sadia para descontrair, porém não permitia falta de respeito e nem relaxamento com a matéria (tão importante quanto o inglês nos dias atuais). Além da cadeira de francês, colaborava com prof.ª. Zulmira Canavarros – que lecionava música –, por ocasião das alegres festas do citado colégio.[18]

Diplomada em piano e harmonia pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro (1972), atuou como professora de música e piano no Conservatório Mato-Grossense de Música, no Conservatório Musical de Mato Grosso e no Conservatório Dunga Rodrigues. Do mesmo modo, foi agente didático da Universidade Federal de Mato Grosso,

[16] BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Esperando o trem:* sonhos e esperanças de Cuiabá. São Paulo: Scortecci, 2005, p. 66.

[17] MATO GROSSO. O governador do Estado de Mato Grosso, Júlio José de Campos, no uso de suas atribuições legais resolve aposentar Maria Benedita Deschamps Rodrigues, cargos de professor (a), catedrático (a) lotada na Escola Estadual de 1º e 2º graus Liceu Cuiabano e Escola Estadual de 1º e 2º graus Presidente Médici. *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 29 de agosto de 1984. Disponível em: https://www.iomat.mt.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/8318/#/p:9/e:8318. Acesso em: 02. fev. 2023.

[18] FREIRE, Nilza Queiroz. Acorde e perfume no ar. In: SIQUEIRA, 2002, p. 15.

na década de 1970, atuando como pesquisadora do Núcleo de Documentação Histórica e Regional (NDIHR) da UFMT.

Entre o período de 1944 a 2000, Dunga Rodrigues publicou 14 livros: A Situação Linguística do Francês (Tese para o concurso à Cadeira de Francês do Colégio Estadual de Mato Grosso); Reminiscências de Cuiabá; Os Vizinhos (Cadernos Cuiabanos 3); Coleção Memória Social da Cuiabania, da série Roteiro Musical da Cuiabania (Caderno Um, Dois, Três e Quatro), Marphysa (ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas no Campo D'Ourique e das esmolas do Senhor Divino), Cuiabá: Roteiro das Lendas. Uma Aventura em Mato Grosso; Cuiabá ao longo dos 100 anos, Lendas de Mato Grosso; Colcha de Retalhos; Movimento Musical em Cuiabá.

Assim, o conjunto de sua produção intelectual publicada, num dado momento, sobretudo, as crônicas, antes divulgadas em periódicos, constituíram-se memórias, e em outro momento, foram selecionadas e compiladas em formato de livros. Na atualidade, o conjunto da obra literária da escritora, são referências obrigatórias para o estudo da cultura e costumes da Cuiabá d'outrora.

No berço da cuiabania, o Porto e as reminiscências de uma "infância feliz"

> Em minha casa ensaiavam-se comédias de livros de teatro infantil de Viriato Corrêa, ou de histórias de Eustórgio Vanderley com suas cançonetas e monólogos para passar a noite de Natal e esperar a Missa do Galo.
> Meu pai, Firmo Rodrigues, escreveu várias peças e esquetes, dos quais possuo *O Recruta*. O tema é um rapaz sorteado para o serviço militar, ficando na iminência de partir para a guerra. Sua mãe, nhá Cotuta, não se conformava com o fato.
> O papel de mãe foi desempenhado por D. Izabel Vaz de Figueiredo Mendes. E o recruta foi o general Francisco Carlos Bueno Deschamps.
> Despois, estas comemorações natalinas foram transferidas para o dia 11 de outubro, aniversário da minha irmã Olga, com o nome de Festa do Tatu, porque ela era muito pequenina e o seu apelido era Tatu.
> Este teatrinho contava com a presença assídua da vizinhança, entre outros o coronel Albuquerque, de traje completo, paletó, colete, gravata e chatilaine de ouro e brilhantes. Sua senhora, D. Nhanhá, de roupa de tafetá e joias, e também os comandantes do 16º B.C. que residiam no quartel, antigo Arsenal de Guerra, no Porto.[19]

O registro de "O teatro que eu vi" de Dunga Rodrigues coloca em exposição a vida privada interiorana brasileira, com toda a família reunida para celebrar o Natal, ou ainda, reuniões entre a vizinhança para comemorar o aniversário. A crônica reúne, assim, numa mesma sintonia, os intelectuais Viriato Correia[20] e Eustórgio Wanderley[21], inspirações de

[19] RODRIGUES, Dunga. O teatro que eu vi. In: SIQUEIRA, 2020, p. 142-143.

[20] Viriato Correia (1884-1938), ocupante da Cadeira 32, ABL, jornalista, contista, romancista, teatrólogo e autor de crônicas históricas e livros infanto-juvenis. Escreveu perto de trinta peças, entre dramas e comédias, que focalizam

um leve toque cômico nas peças de Firmo Rodrigues e nas músicas de Dunga Rodrigues, fazendo referência ao traje masculino: paletó, colete, gravata e *chatelaine*[22] de ouro e brilhantes, e do feminino: roupa de tafetá e joias, partilhando, portanto, o sonho de uma sociabilidade moderna pensada em termos europeus.

Nesta casa artisticamente elaborada, viveu a primogênita do casal Maria Rita e Firmo Rodrigues. Maria Benedita Deschamps Rodrigues, seu nome de batismo. Ela nasceu na madrugada do dia 15 do mês de julho do ano de 1908, às cinco horas, em Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso. Faleceu em Santos, São Paulo em 6 de janeiro de 2001, aos 92 anos de idade. Suas cinzas foram trazidas à Cuiabá e enterradas no jazigo da Família Rodrigues, Cemitério do Porto. Neste ensaio, por escolha e preferência da escritora, será carinhosamente, chamada por seu nome artístico: Dunga Rodrigues.

Dunga Rodrigues, durante a infância, viveu com sua família próximo à Igreja de São Gonçalo, rua 15 de Novembro, no Bairro do Porto,

> A rua 15 se situa no Segundo Distrito da Capital, de acordo com a antiga divisão municipal do perímetro urbano. É o antigo Porto Geral, depois Distrito de S. Gonçalo de Pedro II (segundo), em seguida transformado em "Bairro do Porto".[23]

O Bairro do Porto recebeu atenção especial nos escritos de Dunga Rodrigues, sob alegação de que: "Eu conhecia o Porto de cabo a rabo". Foi representado como lugar de alegrias, descobertas, vivências e tensões, fonte de inspiração para suas obras. Com destaque, em *Salve 8 de Abril*, para o cotidiano protagonizado por mulheres: Alice, Gija e Zinha e aos costumes de uma cidade abundante em sua flora:

> Salve 8 de Abril
> Eu conhecia o Porto de cabo a rabo.
> Mesmo estudando no grupo da cidade, as minhas amizades, no bairro, eram inúmeras. Algumas não chegavam a ser amizade.
> Resumiam-se num entra e sai nas casas, mor das vezes por conveniência.
> Eu sabia quando o pé de pitombas, no Alice, amadurecia e lá estava de folia no quintal da casa, que ficava na entrada do Arsenal de Guerra.
> A pitangueira da Gija avermelhava em setembro. Nesse mês eu não saia de lá sob qualquer pretexto, ou sem motivo, eu varava a casa. Por muito favor,

ambientes sertanejos e urbanos, vinculando-o à tradição do teatro de costumes que vem de Martins Pena e França Júnior. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/viriato-correia/biografia. Acesso em: 18 out. 2023.

[21] Eustórgio Wanderley (1882-1962), natural de Recife-PE, compositor, poeta, teatrólogo, jornalista e cineasta. Obteve sucesso escrevendo peças teatrais e compondo cançonetas para o teatro carioca tais como A Avozinha, A Melindrosa, A Pianista, As Visitas, O Almofadinha, O Bacharelzinho, O Candidato, O Cometa, O Aeroplano, O Deputado, Não Sei e Seu Corrêa. Disponível em: https://acervo.casadochoro.com.br/cards/view/1280. Acesso em: 18 out. 2023.

[22] *Chatelaine* ou *châtelaine* é palavra derivada do vocábulo francês. Uma fivela presa à cintura na qual mulheres penduravam uma série de objetos vinculados aos afazeres cotidianos. Disponível em: https://www.mulhereseeducacao.uerj.br/exposicao/16. Acesso em: 19 out. 2023.

[23] RODRIGUES, Dunga. A Rua Grande. In: MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Cuiabá: FIEMT, 1994, p. 7.

> dava um bom dia sem destinação e ia direto derriçar as pitangas. Mangas e cajus eu tinha em casa num fartão, não fazia cair.
> Mas maracujá, bem amarelo e docinho, só na casa de dona Zinha. Dona, coisa nenhuma. Mulher de vida fácil, como diziam então. Só porque tinha um filho do médico que tratou ou levou à sepultura seu finado marido.
> Viúva ela o era, mas vai daí, o doutor continuou a cuidar dos seus achaques, com tanto carinho, que lhe pôs um filho na barriga. Foi o bastante, para a vizinhança toda lhe torcer o nariz.[24]

O "disque-disques apimentados" sobre dona Zinha, revela-nos questões sobre a moralidade à época, a vigilância acerca da vida privada, sobretudo, das relações amorosas e extraconjugais, já que, dona Zinha, uma viúva, foi discriminada, pela vizinhança, como uma "mulher de vida fácil"[25]. O texto dá indícios de um caso de adultério, entre dona Zinha e o médico do falecido, "que lhe pôs um filho na barriga":

> Os motivos da punição são óbvios, já que o adultério representava os riscos da participação de um bastardo na partilha dos bens e na gestão dos capitais. O homem, em verdade, tinha plena liberdade de exercer sua sexualidade desde que não ameaçasse o patrimônio familiar. Já a infidelidade feminina era, em geral, punida com a morte, [...]. Na prática, reconhecia-se ao homem o direito de dispor da vida da mulher.[26]

Rachel Soihet pontua que, durante a *Belle Époque* (1890-1920), com a plena instauração da ordem burguesa, a modernização e a higienização do país, os costumes eram alvos de atenção, almejava-se que a população assimilasse hábitos civilizados, similares aos franceses. Neste sentido, intensificou-se a vigilância sobre os corpos de homens e mulheres. Em especial sobre a mulher, recaía forte pressão social para adequá-la aos padrões burgueses. Nesta configuração, a infidelidade masculina se constituía assunto do âmbito privado, não tendo ele de fornecer informações sobre o assunto, acaso fosse questionado, em contraposição à infidelidade feminina, era vista como crime e em muitos casos, penitenciada com a morte.

Feito à moda de um saboroso quebra-torto de recordações, concebido enquanto representação do passado, posto que, fundamentalmente, tais crônicas do cotidiano representam vivências da cidade portenha, no movimento das ruas entre casarios de portas abertas, nos banhos de rio e cachoeiras em dias de calor intenso, nas longas conversas entre comadres e, principalmente, nas múltiplas relações entre a vizinhança do Porto, *o berço da cuiabania*. Nas palavras da escritora, o cotidiano do Porto é tido como fonte de inspiração:

[24] RODRIGUES, Dunga. Salve 8 de Abril. In: SIQUEIRA, 2020, p. 111.
[25] "No Brasil, de acordo com o Código Penal de 1890, só a mulher era penalizada por adultério, sendo punida com prisão celular de um a três anos. O homem só era considerado adúltero no caso de possuir concubina teúda e manteúda". (SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 381.).
[26] Idem. p. 381.

> Eu escolhi o dia a dia. Aquela vivência que dava ao nosso meio características de uma só família, com seus disque-disques apimentados, mas possuída de um sentimento de solidariedade comovente, nos quadros difíceis que a atingiram.[27]

No entanto, a vizinhança do Porto não era uma simples associação entre comunidade e sociedade, o seu entendimento sugere uma relação profunda e familiar. Dunga Rodrigues distingue-a em três momentos distintos do processo de modernização de Cuiabá:

> Nem o conceito de Comunidade, nem o de Sociedade abrangem a definição de vizinhança que, se alargam em dimensão e profundidade como uma ampliação da família. Em nossa capital, principalmente para os que passaram por já ter três estágios de moradas pode-se sentir facilmente na pele essas mudanças que vimos sofrendo: o período das casas ombro a ombro, geminadas, à beira da rua; o das casas se isolamento entre muros, cercando imensos terrenos (começo da invasão migratória a esta cidade) e atual morada vertical, que se propaga rapidamente, movida pela falta de segurança e ausência de mão-de-obra para manter em ordem os novos casarões ou palacetes.[28]

Ela fazia referência, especialmente, a vizinhança do Segundo Distrito da capital,

> [...]. A nossa vizinhança atingia os limites da antiga Praça Aquidaban, alongava-se pela Rua 13, até a casa do Sr. João Venâncio de Arruda, atravessava o Largo do Arsenal, arrebanhando as casas de Alexandre Addor, a do João Febrônio, a do Gonçalino de Barros e de dona Adalgiza, indo até o Chico Mecchi.
> As crianças, então, se incumbiam de levar mais longe as raias da vizinhança: chegava até Nhá Vitu, no Capim Branco, à Chácara do Bicho, pelas jabuticabas, aos quintais do Joaquim Pinto, pelos cajueiros, pequenas obrigações mantinham acesas as chamas da amizade ou simplesmente tolerância.[29]

Nesta relação, entre vizinhos, havia alguns deveres a serem observados: cumprimentos, acompanhados de "Como tem passado?... Como vão todos?... Por que anda sumido? Para não ser tido como pessoa secarroona, de poucas amizades ou metida à besta." [30] Tratava-se de um habitual interrogatório: "Como vão todos? Sea Dita?... Seo Firmo?... Ritinha?"[31] Sentar-se à porta da rua aproximava as pessoas. "Aliás, este hábito eu observei em Madrid, no verão de 1950, vi vários grupos sentados à porta."[32] Outros hábitos

[27] RODRIGUES, Dunga. Discurso para o lançamento de "Cuiabá ao longo de 100 anos". Cuiabá, 1994.
[28] RODRIGUES, Dunga. Vizinhança. In: MÜLLER; RODRIGUES, 1994, p. 33.
[29] Idem, p. 33.
[30] Idem, p. 33.
[31] Idem, p. 34.
[32] Idem, p. 34.

obrigatórios: visita de cordialidade e empréstimos, tidos como sinônimos da hospitalidade cuiabana, mas que às vezes atingia o cúmulo da inconveniência:

> Ocorreu aqui a lembrança da minha comadre, que subitamente se sentiu mal. Corri para ajudá-la e já encontrei a casa cheia e alguém com uma seringa na mão, mas não havia ninguém com coragem ou habilidade para aplicar-lhe.
> Quando apareci à porta quarto, todos me olharam, se voltaram para mim e foram unânimes em repetir: "Dunga é capaz, Dunga é capaz..."
> [...]. Peguei o objeto que me ofereciam, rezei interiormente uma Ave-Maria, lembrei-me da maneira com que meu médico improvisado, o Jaime Joaquim de Carvalho, também vizinho me aplicava ampolas de óleo canforado, enfiei-lhe a agulha, quase de olhos fechados, sem qualquer peso de consciência. Senti aqueles olhos de agradecimentos, que povoavam o quarto da doente. Eu mesma me rejubilei com aquele ato de solidariedade coletiva. E, o melhor foi que a comadre não morreu dessa vez.
> A vida moderna parece isolar as pessoas. Não sei quando apareceu no calendário medicinal a doença **solidão**.[33]

Na vizinhança, a casa está sempre cheia. Na concepção de Dunga Rodrigues, a vida moderna trouxe graves consequências às relações humanas:

> Naturalmente surgiu com os primeiros "arranha-céus". Você não vê a cara do seu vizinho todos os dias, não o escuta falar, nem cantar. Não pode ter o seu cão, nem seu gato, muito menos cultivar as suas rosas e os seus jasmins. O vizinho não vem mais a sua casa, quando a galinha cacareja, pedir um ovo emprestado e você não pode negar pois a bichinha já o denunciara.
> Doce convivência, humana, cheia de vida e de calor. Alguns percalços, mas o abraço amigo, o **bom dia** cordial, o disque-disque das comadres, aqueciam, fazendo coração transbordar de felicidade.[34]

A Rua 15 de Novembro, no Porto, também foi tema frequente nos escritos de Dunga Rodrigues. No texto dedicado "A RUA GRANDE", evidenciamos manifestações cotidianas do Rio-Porto-Cidade, o comércio de porta em porta de verdureiros, peixeiros, dos "turcos mascates", pois tratava-se de...

> Rua madrugadora. Desde as quatro da manhã, o grito de "Peixe" a sua porta... "**Verduleiro**... Lenha... Bucho e Mocotó..."
> As charretes de leite, com latões de zinco... "É leite batizado?"
> Alguns espertalhões aproveitavam a travessia da barca para aumentar o líquido e sua **féria**.
> Depois vinham as carroças de transportes com a mercadoria dos navios ancorados. A partir das duas da tarde, passavam os turcos mascates com os seus baús mágicos, onde havia de tudo: fitas, rendas, tecidos. Eles vinham à frente se anunciando com a campainha e atrás o carregador do baú de folha-de-Flandres, um regalo para os olhos, quando a tampa se levantava. De grata recordação, ficaram aqueles alfinetes de cabeça de pombinhas.
> A linha de bonde fazia a curva na mangueira do Zé Antônio e contornava os cajazeiros do Arsenal de Guerra, em demanda da cidade. Os ônibus só

[33] RODRIGUES, Dunga. Ainda a vizinha. In: MÜLLER; RODRIGUES, 1994, p. 38.
[34] Idem, p. 38.

> vieram mais tarde e, a tardinha, tudo ficava livre para as meninas brincarem de roda e os rapazinhos de **pega-pega**.[35]

Uma cuiabana contadora de histórias, de escritos que se caracterizam-se como "[...] prosa memorialística – romance de costumes, contos e crônica – centrada na valorização de aspectos diversos da região."[36] No texto "A BOLADA" é possível verificarmos a atenção dada à figura paterna: Firmo Rodrigues e o trabalho extra com medição de terras, empreita realizada à custo "de melancia"; percebe-se ainda a sutileza na descrição de aspectos geopolíticos, econômicos de Cuiabá à época do coronéis:

> Desde Sexta-feira à tarde começava o burburinho com os preparativos da viagem. Primeiro limpar cuidadosamente com a flanela a aparelhagem toda de medição depois bater no pilão a paçoca pra meter no sapicuá. De um lado a farinha do outro alguns ovos cozidos.
> Rinque-rinque, rala o guaraná pra encher o vidrinho que era bem avantajado, pois tinha de oferecer pros outros.
> Empacota os cigarros de palha, todos de cinturinha e cinto bem grosado. Roupa de campanha, um cachecol, por causa do vento, e um saco vazio de sobressalente para trazer qualquer coisa que ganhasse.[37]

Nesta jornada, o saco dos viajantes, os sapicuás, durante a empreita seguia vazio e, na volta, esperava-se, sobretudo pelas crianças, que o saco, digo, os sapicuás viessem repletos de frutas e de boas histórias, bem como, de novidade dos três dias em plena mata:

> A criançada se alvoroçava, antegozando a volta, com os sapicuás cheios de frutas e o meu pai contando novidade desses três dias em pleno mataréo.
> O coronel o havia contratado para fazer uma medição nas suas terras. Esta era a bem dizer duas, porque a primeira daria o perímetro geral da sua propriedade que se estendia por muitas léguas, nos limites dos municípios de Guia ou Brotas e Rosário Oeste. [...].
> Nisto, foi chão. Tudo era difícil naquele tempo. Condução? Só lombo de cavalo. Não dava ainda para o fordeco cortar o sertão. Os caminhos eram veredas, cheias de galharada de pau.
> Mais era saudável este contato agreste com a natureza, mormente pela madrugada. E que madrugadas? [...].
> A volta era uma alegria, meu pai abria os recipientes e debulhava laranja pelo chão. Algum caju se era tempo, mas difícil de ensacar. Muito jatobá. Aquela fruta que é uma farinha seca boa pra dar entalo, quando não grudava de chumaço, no céu da boca. Vinha pitomba, maracujá, chico-magro. Aos poucos fomos reparando que a fartura do Coronel dava mais do lado de fruto agreste que morcego planta. Carregando semente de lá prá cá, do que em fruta cultivada no pomar. [...]. E lá vinha mesmo o jatobá, que a gente ia entalando de qualquer maneira, por ser fortificante do pulmão.
> Era sempre bom, entretanto, escutar ao redor da mesa, as últimas do Coronel. A mesa, onde este se sentava, sempre de chapéu na cabeça, se havia algum prato longe do seu alcance e alguém lhe sugeria: Quer servir-se

[35] RODRIGUES, Dunga. A Rua Grande. In: MÜLLER; RODRIGUES, 1994, p. 7.
[36] NADAF, Yasmin Jamil. *Presença de Mulher:* ensaios. Rio de Janeiro: Lidador, 2004, p. 111.
[37] RODRIGUES, Dunga. A bolada. In: *Colcha de Retalhos*. Cuiabá: Edição da autora; Defanti Gráfica & Editora, 2000, p. 133.

> do frango, coronel? Ele pronto respondia "Como não hei de querer, casa é minha e comida é minha"?! [...].
> E nestas viagens, rompendo léguas no lombo do cavalo, muita paçoca e muito palheiro foi consumido, porque o trabalho era moroso.
> Em compensação pouca laranja foi oferecida e muito jatobá trazido que já tava dando enjoo nas crianças. [38]

Ressaltamos que, no tempo dos coronéis, "tudo era difícil". Não havia transportes públicos, tão pouco, estradas com asfalto, muito menos os veículos da Ford. "Condução?" Somente o "lombo de cavalo". Mas diante da lonjura e da possibilidade do ganhar uma grande quantia, talvez o sacrifício fosse necessário. Pois, o que estava em questão: eram os sonhos da criançada. "Já pensou? Uma bolada assim sem mais nem menos?":

> Mas os sonhos foram-se avolumando. Uma medição meticulosa e de grande monta deveria render muito dinheiro e cada qual ia armazenando o seu pedido, com bastante probabilidade de ser realizado, pela dinheirama que entraria em casa.
> Eu, de minha parte, só queria uma coisa, mas coisa cara pra valer. Não era sonho de momento, era algo que eu queria, porque queria a todo o custo: um piano. Haveria ocasião mais propícia? Anunciavam bons instrumentos de Segunda mão, por dois contos de réis. Eu me contentaria com um deles e ainda sobraria muita grana para contentar a família toda.
> Nesta doce ilusão passamos quase dois meses. Ou três? Sendo que ao se abeirar o término da medição o nosso alvoroço era grande. Ninguém mais duvidava do sonho realizado. Era aquela certeza consumada sem vestígio de negativa. Nunca se viu tamanhas ensanchas. Tudo parecendo cair do céu por descuido. Mas, não era do céu, era do bolso de meu pai, suando nos aparelhos de medição na balística, no mourejar de longas caminhadas no lombo do animal, entre caminhos ínvios e tortuosos, como diriam os poetas. Quando meu pai anunciou que seria aquela a última visita ao sítio, às vésperas de sua chegada, ninguém dormiu na excitação das alviçareiras eventualidades futuras. Já pensou? Uma bolada assim sem mais nem menos?[39]

Após o término da empreita, as crianças, inclusive Dunga Rodrigues, estavam ansiosamente esperando o saco da bolada. "Eram seus irmãos: Francisco José Rodrigues, Newton José Rodrigues, Estella Deschamps Rodrigues, Olga Deschamps Rodrigues, Helena Deschamps Rodrigues, Gonçalo (falecido com 2 meses), Lili (falecida quando criança) e um irmão (morto ao nascer)."[40] "Cada hora uma criança ia espiar na porta. E nada dos cavaleiros", já que, "uma coisa muito volumosa" vinha na anca do animal, "envolvida num saco, bem amarrado":

> Mas isto é besteira! Era uma bolada ganha a duras penas e longamente esperada.

[38] RODRIGUES, 2000, p. 133-135.
[39] Idem, p. 135-136.
[40] SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Coord.). *Memória Viva de Firmo e Dunga Rodrigues.* Cuiabá: Entrelinhas, 2005, p. 3.

> Vamos lavar a casa toda, disse alguém, pra dar um ar de festa! Compra agulha pra vitrola que a última já ficou rombuda. Que tal umas garrafas de cervejas? Nada mau.
> - E para as crianças?
> Refresco de groselha.
> Nem sei mais quantos preparativos. Era um fim de tarde de Domingo.
> Ninguém se lembrou de brincar, para burnir a casa. Ninguém arredou o pé de casa para não perder a chegada da abastança. Não havia loteria, mas essa, quantia representava um bilhete premiado. Estava fora do orçamento da família e representava esbanjamento, gastos largos, sem onerar quem quer que seja. Como custasse pra escurecer e como os viajantes estavam em delongas mais que o usual.
> Cada hora uma criança ia espiar na porta. E nada dos cavaleiros. Até que um tropel, rápido estancou no portão. Um cavalo relinchou e os cavaleiros apearam já se desvencilhando dos sacos de frutas. Oito olhos curiosos estavam um sinal de bonança. De desejo realizado. Mas ninguém deu sinal dessa felicidade que se vislumbra logo à primeira vista e que ninguém consegue esconder.
> -Taí na garupa do compadre Nazário. Mostra pra criançada o que elas tanto esperam. O compadre desprendeu uma coisa muito volumosa da anca do animal, que vinha envolvida num saco, bem amarrado. Levou-a nos braços e a depositou sobre a mesa de jantar. Foi desenrolando, desenrolando e diante, dos olhos estupefatos de todos surgiu aquilo que sem sentir, mas de modo uníssono, em um só e desmedido espanto todos repetiram: - UMA MELANCIA!!!
> Sim senhores, uma jaca imensa, nunca vista, bem espinhuda e amarelinha, mas ... apenas uma jaca![41]

O conjunto das narrativas apresentam os revesses da vida e os aspectos significativos de uma cidade portenha, que segue o curso das águas, movimenta-se pela fluência do rio, o Cuiabá, que presenteia com o principal alimento da culinária cuiabana, o peixe. Uma vida urbana entrecruzada e codependente do rural – fonte de vida – que abastecia o povoado com o leite, a lenha e a verdura, entre outros produtos, nas portas de suas casas, já que...

> Cuiabá foi o grande mote de sua produção intelectual, pois temia que a riqueza da cultura herdada por mais de dois séculos pudesse ser esquecida, ou melhor, relegada a segundo plano frente ao intenso e vigoroso movimento migratório desencadeado em direção a Mato Grosso, especialmente pós-1970.[42]

Uma cidade em constante processo de hibridação[43], dinâmico e em trânsito, resultado de "[...] processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional"[44], como um "baú mágico" que, ao ser aberto, revela-nos uma Cuiabá multifacetada, lugar de encontros e desencontros, de relações interculturais e identitárias,

[41] RODRIGUES, 2000, p. 136-137.
[42] SIQUEIRA, 2002, p. 22.
[43] Néstor García Canclini reelaborou o estatuto do conceito de hibridação para as Ciências Sociais: "entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI, 2006: XIX).
[44] CANCLINI, 2006: XXII.

por meio da circulação de mercadorias, de pensamentos e ideias. Um processo heterogêneo e dialético reafirmando que o híbrido se constitui nas práticas e nas inter-relações cotidianas:

> Dunga Rodrigues costuma dizer que olha a vida com deslumbramento. "Parece que estou num palco" e a música ela utiliza para enfeitar os momentos que aprecia, um a um. "Não sou pianista porque para ser pianista é preciso muitas e muitas horas de dedicação aos estudos, oportunidade de estudar fora. Desde menina, quando me despertei para a música e para o piano, tive a sorte de ter bons mestres, que me deram uma base teórica e prática muito importante, que mais tarde vim a desenvolver no Conservatório Nacional de Música, do Rio de Janeiro, onde me graduei em piano", conta ela.[45]

Consagrou vários dos seus escritos à sua cidade natal. Uma parte de sua produção faz referência à história da música em Mato Grosso, outra parte é dedicada ao registro de costumes cotidianos e às tradições populares. Compôs músicas nas quais assinala uma tendência para o humor e o cômico. Suas músicas falam do entusiasmo do cuiabano, das festividades, a exemplo de "Cuiabá Festiva". Nesta perspectiva, canta-se o jeito de ser cuiabano:

> Não vi povo mais festeiro
> Do que o povo de Cuiabá
> Comemora o ano inteiro
> Até santo que não há
> Tem peru, leitão assado
> No dia de Ano Bom
> Tem dança, sapateado
> Morena de pé no chão
> Carnavá já tá chegado
> O Entrudo já teve aqui
> Hoje a dança é esquentada
> Só co licor de Piqui
> Boi a Serra, Mascarado
> E dança do Siriri
> Cururu e Rasqueado
> No Rancho de buriti.
> Requebra meu bem requebra!
> Levanta poeira do chão
> Da vida nada se leva
> E eu não estou morto não.
> Cuiabá, Cuiabá amada
> Festeira que é uma danada![46]

A escritora envolve-se pelos caminhos do imaginário e da mentalidade cuiabana, trazendo à tona os mais vivos acontecimentos regados de profunda emoção: medos,

[45] BARBANT, Maria. Dunga Rodrigues ensina a viver. *A Gazeta*. Cuiabá, 1 jul. 1994.
[46] RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá Festiva*. In: "Viva Cuiabá, Espetáculo de Homenagens! 287 anos". Sesc Arsenal, 2006: s/p. Cuiabá Festiva. In: *Caderno de anotações*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1475H5KWeJy7q_Srm1I2zFzubGZt_8eYZ/view. Acesso em: 2 nov. 2023.

anseios, convicções, crenças e paixões entrecruzados por uma narrativa cômica abalizada pelo contexto histórico de Mato Grosso. "Sua obra é um delicioso passeio pela cidade e pelos hábitos, costumes, e tradição dos cuiabanos/mato-grossenses. É leitura indispensável para aquele que deseja reviver a história de Mato Grosso."[47]

Buscamos compreender as representações do *passado* que permeia a obra literária da escritora, que buscou preservar a *oralidade* popular, por meio da palavra escrita, o que nos permitiu aventar por um percurso metodológico a saber, a "invenção" da cuiabania, expressão cultural de um segmento social, que entrecruzou saberes, fazendo usos da palavra escrita como indicador mais sensível das transformações sociais:

Dunga Rodrigues ocupava-se dos personagens urbanos e rurais, espaços da cidade, becos, lendas e tradições cuiabanas, entre realidade e ficção; impressões e sensibilidades. "[...] É que Dunga é, antes de tudo, uma memorialista. Os feitos e fatos narrados são buscados no baú de suas vivências."[48]

> O INSTITUTO HISTÓRICO E A FAMÍLIA
> Para se ter uma idéia do relacionamento entre o Instituto Histórico e a família, basta lembrar que meu pai arrebanhava todos os filhos para assistirem às sessões literárias.
> [...].
> Todos os sábados e dias feriados meu pai ia ao Instituto Histórico levando numa pasta azul toda sua movimentação. Muitas vezes levava as filhas e a prima Lélia Póvoas para passar querosene nos livros quer do Instituto, quer da Academia, contra o caruncho.
> A bem dizer, tudo para nós era festa da Academia. Só mais tarde consegui separar as duas entidades.
> A mim cabia organizar e participar dos programas festivos a pedido de meu pai, que transmitia também os pedidos insistentes do Dr. José de Mesquita. [...]. Os programas artísticos eram também da incumbência de meu pai.[49]

Na perspectiva dos Estudos Literários, Maria Elizabete Nascimento de Oliveira pontua, em suas análises, que Dunga Rodrigues tem domínio sobre o tema: Cuiabá e sua gente, já que viveu intensamente a Cuiabá de seu tempo:

> Dunga morou na Rua Grande, no Bairro do Porto, atualmente Avenida 15 de Novembro e descreveu de forma ímpar as particularidades da Cuiabá de seu tempo, em distintos gêneros discursivos, os quais compõem o seu legado intelectual, conforme constata-se em dados documentais, historiográficos e literários. São escrituras que ultrapassam a localização geográfica e/ou histórica porque estão recheadas de memórias e de testemunhos de quem viveu em Cuiabá. Destaco o seguinte depoimento da autora: "Aprendizado para viver era o meu objetivo. Mas, minha avó vivia

[47] NADAF, 2004, p. 113.
[48] CARVALHO, Carlos Gomes de (Coord.). Dunga Rodrigues e o seu contributo plural para a história e a cultura mato-grossense. Marphysa; Crônicas cuiabanas. In: *Coleção Obras Raras da Literatura Mato-Grossense:* Vol. 9. Cuiabá: KCM Editora, Academia Mato-Grossense de Letras, 2013, p. 21.
[49] RODRIGUES. Dunga. Firmo José Rodrigues. *Revista do IHGMT*. Cuiabá, 1994, p. 317-318.

> dizendo: a vida só se aprende vivendo. Observe muito, observe tudo: as pessoas, os fatos, os modos, a linguagem, seus pensamentos. Tudo isso é muito útil".[50]

Dunga Rodrigues teve que, de certa maneira, se preocupar com a história, sem se confundir com o seu discurso literário e suas práticas artísticas, considerando sua posição e atitude intelectual em fazer memória, num traçado que, sem dúvida, ocupou-se por lembranças marcantes, coloridas, vividas com intensidade e muita alegria. Um "Quebra Torto" – o saborear de "uma refeição mais ou menos leve" – de suas "melhores lembranças".[51]

Os Vizinhos: os registros de memórias sobre a Cuiabá e o Rio de Janeiro

> Obra visceralmente cuiabana, ambientada especificamente no Bairro do Porto, mas suficientemente rica para acompanhar as interações Porto/Cidade e Cuiabá/Rio/Exterior, "OS VIZINHOS" permite que os níveis literário e documental se interpenetrem, criando um tempo e um espaço únicos, tornando-se referência indispensável a qualquer esforço de compreensão de Cuiabá.[52]

"Os Vizinhos" de Dunga Rodrigues foi publicado em 1977, seção memórias, Cadernos Cuiabanos 3. Os "Cadernos Cuiabanos" faziam parte de um programa do Departamento de Cultura e Turismo, sob a direção de Carlos Rosa, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de Cuiabá-MT, sob administração do prefeito Rodrigues Palma (1975-1979). O livro tem "Apresentação" de Carlos Rosa, que o caracterizou como expressão do processo histórico-cultural cuiabano.

Além disso, conforme registro, no jornal "O Estado de Mato Grosso", ocorreu, no dia 28 de abril de 1977, o lançamento oficial de "Os Vizinhos", o 3º número da coleção "Cadernos Cuiabanos", como parte cultural das comemorações da "Semana do Aniversário da Capital mato-grossense", mais precisamente, no solenidade de encerramento do "Primeiro Ciclo de Estudos Cuiabanos", na Casa Barão de Melgaço, realizado pelo Departamento de Cultura e Turismo da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, com a presença de Rodrigues Palmas, prefeito de Cuiabá, da escritora e membros da AML e IHGMT.

João Moreira de Barros, membro da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, avalia a produção intelectual de escritores

[50] OLIVEIRA, Maria Elizabete Nascimento de. Prefácio: Atemporalidade, história e liquidez com Dunga Rodrigues. In: SIQUEIRA, 2020, p. 8.
[51] RODRIGUES, 2000, p. 5
[52] ROSA, Carlos. Apresentação. In: RODRIGUES, Dunga. *Os vizinhos*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1977, p. 1.

(as) de Mato Grosso que se debruçaram sobre o tema da "Cultura em Cuiabá", fazendo menção às obras de Dunga Rodrigues:

> A Cultura em Cuiabá (XI)
> João Moreira de Barros
> Da Academia Mato-grossense de Letras e do
> Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
> [...].
> Se Cuiabá, no presente, recebe contingentes de várias procedências mais interessados no comércio e na indústria ou ainda em outros ramos da atividade profissional, como é o caso de advogados – estes mais em quantidade do que em qualidade – da magistratura, nesta, é claro em menor escala – no passado, recebia especificamente aqueles que se habilitavam mais a funções profissionais de cunho intelectual, como foi o caso de vários magistrados que não só ilustraram a nossa magistratura como enriqueceram as belas letras ou de advogados que brilharam na constelação forense se ainda encontrando tempo para divagações literárias.
> Mas nem só de magistrados ou advogados podem ser citados como colaboradores da nossa cultura. Outras estrelas surgiram no firmamento literário cuiabano. A cultura em Cuiabá.
> [...].
> Dunga Rodrigues é dessas pessoas que encantam a quantos delas se aproximam. Professora de francês e pianista de escol, Dunga ainda encontra tempo para deleitar seus leitores com belíssimas obras. Escreveu "Reminiscência de Cuiabá", "Os Vizinhos", "Marphysa". Se pelo que já escreveu anteriormente já deveria encontrar uma cadeira vaga na Academia, depois que lançou "Marphysa" as portas do velho solar se lhe abriram de par em par. Dunga é hoje uma das quatro mulheres que têm acento no nosso já velho sodalício**.**[53]

Para Carlos Rosa, "Os Vizinhos" é uma obra de referência acerca da história cultural de Cuiabá, visto que, nas primeiras décadas do século XX, Cuiabá é despida de seu cotidiano e revela-se como expressão das diversas facetas humanas, suas ações e seus momentos de intimidade quase atemporal. Ademais, Dunga Rodrigues é respeitável por ser "autêntica geratriz de cuiabanidade." [54] Fazendo-se prudente explicar que,

> Nas páginas que seguem, seu humor fino, sua atenta e longamente curtida observação da vida cuiabana revelam-nos, com força suave e despojada, os becos e avenidas de nossas idiossincrasias coletivas.
> E dá-nos a rara oportunidade de rirmos de nós mesmos. Oferece-nos um reencontro. [55]

"Explicação" introduz a obra e, magistralmente, traz a interpretação da função-escritora, o fazer memória, pois "jamais tivemos pretensão ou veleidades literárias ou culturais"[56]. Propõem-se uma via de interpretação e significação possível ao problema

[53] BARROS, João Moreira de. A Cultura em Cuiabá (XI). *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá 16 fev. 1985, p. 6.
[54] ROSA. Apresentação. In: RODRIGUES, 1977, p. 2.
[55] ROSA. Apresentação. In: RODRIGUES, 1977, p. 2-3.
[56] RODRIGUES, 1977, p. 5.

ético-estético da função-escritora e de uma escrita de si, ou seja, os mecanismos para se compreender e fazer com que se compreenda um texto, uma obra, uma autoria:

> É praxe que se introduza toda a escrita que se enfeixa em livro.
> Não estamos fazendo um prefácio, pois nem sabemos classificar anotações, categorizando-as no rol das composições literárias, que na verdade, elas não chegam a sê-lo.
> O nosso dever é explicar, a quem tiver a paciência de lê-las, que jamais tivemos pretensão ou veleidades literárias ou culturais.
> O nosso objetivo foi apenas captar uma **nesga do tempo**.
> Um tempo em que, nesta cidade, todos se conheciam. [57]

Ao introduzir as obras, Dunga Rodrigues, costuma ser suscinta e objetiva, porém o texto requer uma leitura atenta e exige análise profunda do significado de palavras-chaves ou de expressões, a exemplo de: *nesga do tempo* e *veleidades literárias ou culturais*.

Primeiro, o sentido da expressão "nesga do tempo" como sinônimo de um fragmento do tempo anterior ao que chamamos de "aceleração do tempo", ou ainda, uma fissura vista através do que está entreaberto. Poderíamos acrescentar que se trata de uma noção de tempo em que o cenário é o de proximidade entre pessoas, tal ideia pode ser compreensível entre as fissuras do cotidiano, característico em "Os Vizinhos".

Em segundo lugar, procura-se compreender como as práticas do fazer literário em Dunga Rodrigues corresponde ao que ela nomeou de "veleidades literárias", colocando suas mãos à palmatória, se acaso suas lembranças ludibriassem os leitores. De acordo com Paul Ricoeur:

> [...], com base em experiências precisas que têm como modelo o reconhecimento das imagens do passado; essas experiências fazem pensar, ulteriormente, que muitas lembranças, talvez as mais preciosas entre as lembranças de infância, não foram definitivamente apagadas, mas apenas tornadas inacessíveis, indisponíveis, o que nos leva a dizer que esquecemos menos do que acreditamos ou do que tememos.[58]

A noção de "nesga do tempo" se contrapõe à de "aceleração" do tempo, perceptível na construção narrativa a seguir. Além do mais, Dunga Rodrigues aponta para duas outras questões: o tempo de lembrar e esperançar em contrapartida com a noção de esquecimento, em decorrência da velocidade das notícias com o advento do rádio e da TV, o crescimento acelerado, desigual e desordenado das grandes cidades (Rio de Janeiro), provocado pelas relações capitalistas e crença no progresso e desenvolvimento, força motriz da apressada modernização dos "confins" e arredores do Brasil (Cuiabá), satírica de ser "o mito do sertão".

[57] Idem, p. 5.
[58] RICOEUR, 2007, p. 426.

> Aqui ainda não havia engarrafamento de veículos, não havia este movimento tumultuado, nem super-mercados, nem escolas superiores, nem asfalto.
> A população sentava-se pacatamente à porta para esperar o entardecer.
> As tempestades físicas e políticas, nos chegavam amortecidas e inacreditáveis, pois os jornais diários das grandes cidades, não nos traziam as notícias, na horinha, como acontece.
> E, assim como aquelas novas esmaecidas, num breve amanhã se esvanecerão as lembranças deste período que pretendemos delinear, nestas páginas. Justificamos pois o nosso intento, apresentando as mãos à palmatória, se em êrro estivermos incorrendo.[59]

O ofício do historiador não consiste em apenas selecionar as fontes, costurá-las para criar uma colcha de retalhos, ao contar um evento, selecionamos memórias. Isso presume que há uma motivação que prescinde essa seleção, almeja-se a verdade. Estamos sob a égide do *estatuto da verdade*. A História diferencia-se das Ciências Sociais pela importância atribuída às transformações (durações) e ao tempo. Visto que existe interpretação em todos os níveis do discurso histórico:

> [...] como se costuma dizer – a história é escrita de uma ponta à outra, dos arquivos aos livros de história –, mas do acesso da explicação/compreensão à letra, à literatura, ao livro dado a ler a um público interessado. Se esta fase – como já dissemos, [...] – merece o nome de representação, é porque, nesse momento da expressão literária, o discurso do historiador declara sua ambição, sua reivindicação, sua pretensão, a de representar *em verdade* o passado.[60]

De acordo com Paul Ricoeur, memória é aquisição antiga/hábito (memória do passado), buscamos aquilo que tememos ter esquecido, permeados por sucessos (memória feliz/recordação) e fracassos (esquecimento). Então, na relação com o tempo, "[...], o ato de fazer memória: ele também tem sua ambição, sua reivindicação, sua pretensão: a de representar o passado *com fidelidade*".[61]

Nas beiradas: Totó Pereira na Cuiabá dos confins do sertão

"Os Vizinhos" conta a trajetória do personagem Totó Pereira, cuiabano de nascença, criado nas adjacências da 15 de novembro, "Rua Grande, que se estendia da travessa Senador Metello ou Beco do São Gonçalo, de um lado, e do outro, o Beco da Polícia, até a beira do rio"[62] Cuiabá, rua do Porto Geral, Distrito de São Gonçalo de Pedro II, atual Bairro

[59] RODRIGUES, 1977, p. 5.
[60] RICOEUR, 2007, p. 240.
[61] Idem, p. 241.
[62] RODRIGUES, Dunga. A Rua Grande. In: MÜLLER; RODRIGUES, 1994, p. 8.

do Porto, "[...], a Rua 15 avançou sobre a Avenida, engolindo o Bar Caramba, nos limites do Liceu S. Gonçalo, antigo Colégio dos Padres."[63] Nas palavras de Dunga Rodrigues:

> Totó Pereira foi um menino tímido de verdade. Muito prestativo e incapaz de ofender alguém, era requisitado por toda a vizinhança para levar recados, buscar viandas, comprar coisas na venda, enfim prestava todo tipo de serviço para todos. Na sua rua havia dois totós. O outro era o **totó cachorro**, muito enxotado, enquanto êle, muito solicitado.[64]

Ele tinha bom comportamento, era prestativo, colocava-se à serviço da melhor forma possível. "Até para D. Engrácia, uma velha usurária, incapaz de dar uma fruta para criança, com aquelas apodrecendo no seu quintal".[65]

Contudo, observamos que Totó Pereira e Totó Cachorro eram tratados com desdém, sem critérios e justeza. "Além de seu papel de apoio às ordens sociais hierárquicas, a origem do desdém está, [...], na familiaridade."[66] "Quando gritavam – Totó. E ele se virava diziam – não é o outro."[67] Uns poucos o faziam de besta, o desprezavam, fazendo pouco-caso! No geral, não o viam, sua presença era imperceptível e desimportante.

Embora pareça contraditório, Totó Pereira pertencia à Irmandade de São Luiz de Gonzaga, "que reunia a fina flor dos alunos do Colégio dos Padres"[68]. Durante os dias de procissão, "dava gôsto vê-lo de terno engomado, a fita de distintivo ao pescoço, sapatos reluzentes, descer compenetrado, enfrentando o poeirão da Rua Nova para levar ao pôrto a imagem de S. Luiz."[69] Eis aí a intenção, ser visto, por sua elegância e exuberância, a fim de encontrar-se com uma moça de "boa família". Pergunto-me, estava aí a versão de "um bom partido"? Conforme padrões à época, um bom partido era um sujeito de família, abastada e influente, além disso, o sujeito deveria ter formação no Rio de Janeiro para vir a ser um doutor, por lá mesmo deveria se casar, além do mais, o tal precisaria esquecer-se da vidinha nos "confins do sertão". Totó Pereira não apresentava tais requisitos, o pobre era de família humilde, arranjou-se com diploma de quinta (5ª série), "um lugar de escriturário no Arsenal de Guerra."[70]

Noutros termos, talvez seja a maldita timidez que não o deixava pôr em prática desejos, sonhos e planos de futuro. Na realidade, ele vivia perturbado com insônia e pesadelo, em razão de uma notícia bombástica, um telegrama, inesperado, causador de

[63] Idem, p. 8.
[64] RODRIGUES, 1977, p. 11.
[65] Idem, p. 11.
[66] WALTON, Stuart. 18. Sou tratado com desdém. In: *Uma história das emoções*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 237.
[67] RODRIGUES, 1977, p. 11.
[68] Idem, p. 12.
[69] Idem, p. 12.
[70] RODRIGUES, 1977, p. 12.

desordem e de uma reviravolta na trajetória do morador da casa ao lado. “Era uma carga pesada demais para os seus nervos.”[71]

O telegrama trazia a notícia da transferência da Sede da Circunscrição Militar” de Cuiabá para Campo Grande. Para Dunga Rodrigues, o fato girava em tornos de disputas e desavenças entre famílias de Cuiabá e de Campo Grande. “Lutas políticas pelos quatro cantos. [...]. Era ódio genealógico”[72]. Na ocasião, Campo Grande tinha conquistado ares de cidade desenvolvida, moderna e progressista. “E um belo dia... bomba! lá se foram generais, com suas medalhas e patentes se instalar em Campo Grande, [...], muito bem arruada, cheia de bangalôs floridos de **bugainvilles**, com modernos hotéis, coisa que por aqui só havia arremedo.”[73] Nas bandas de cá, ficou mais uma saudade, aboliu-se o Arsenal da Marinha, no Porto Geral, sob alegação de contenção de gastos e dispor de guarnições para as fronteiras:

> Verdade, verdade, é que, mesmo contra a vontade, foram só tratando de arrumar as malas e ir seguindo os destinos que lhes foram impostos.
> Muitos funcionários se classificaram nos Correios e Telégrafos, outros na Delegacia Fiscal, tendo a maioria que viajar, rumo às novas colocações.
> Pois bem, [...], Totó Pereira, [...], se remordia de tristeza, pensando como viver tão longe, naquele Rio de Janeiro movimentado e estranho.[74]

No Arsenal da Marinha estava em funcionamento a Escola de Aprendizes de Marinheiro, por ora transferida para Ladário. Na referida escola para meninos, uma espécie de reformatório para os tidos como rebeldes, levados e vadios. No Arsenal, os aprendizes recebiam formação profissional e saíam de lá homens-feitos, mestres de obra com a garantia de seu ganha-pão. “Pobre ilusão! Como se todas as crianças não fossem iguais e, mesmo as de famílias de recursos saiam por aí, a penetrar os quintais alheios para roubar frutas.”[75]

Totó Pereira, com nó na garganta, seguiu viagem de vapor, no Iguatemi, sob muitas recomendações: “– Cuidado com as cariocas. São bichas sabidas. O que elas querem é agarrar o bruto.” [76]

Do Cuiabá ao Rio de Janeiro: as bizarrias vivenciadas

> Lá vai uma chalana, bem longe se vai.
> Navegando no remanso do Rio Paraguai.
> Ah, Chalana sem querer tu aumentas minha dor.

[71] Idem, p. 13.
[72] Idem, p. 14.
[73] Idem, p. 14.
[74] Idem, p. 15.
[75] Idem, p. 14.
[76] RODRIGUES, 1977, p. 15.

Nessas águas tão serenas vai levando o meu amor.[77]

Não fugindo à regra, na ausência de um grande amor e com muita dor, Totó Pereira e os colegas embarcaram na Chalana, no Porto Geral do Rio Cuiabá, era verão, lusco-fusco à beira rio, cenário belo e contemplativo. Entretanto, de um lado, sua despedida foi uma grande balbúrdia, atropelo e reboliço. Foi patética. Porém, nos dizeres de Dunga Rodrigues, por um lado, "foi bom" o vaivém da viagem,

> Mas o crepúsculo na paisagem de um rio, na ardência do verão canicular, é tristíssimo e incomodativo.
> Ninguém, porém, se entrega ao estado contemplativo, porque os pernilongos não deixam você parar nem com os pés, nem com as mãos.
> Todos distribuíam tapas, que surpreendiam os mosquitos em pleno ataque.
> Por um lado, foi bom.
> Quando a lanchinha se pos em movimento. [...].
> Felizmente a viagem, de descida era rápida.
> [...].
> Seis a sete dias para acompanhar as voltas intermináveis do rio, até Corumbá, o próximo pôrto.
> [...]. O imprevisto, [...], estava por vir.
> Era a passagem do Uacurutuba.
> Um estreitamento do rio, lugar onde os galhos do barranco invadiam a lancha, [...]; os formigões vermelhos não respeitavam epidermes; [...]. Vencida com difíceis manobras essa crucial passagem, todos respiravam com alívio, [...].
> Transposta a etapa fluvial, a Noroeste os levou aos trancos e barrancos e uma poeirinha de quebra até a Estação da Luz, [...].
> – São Paulo, que lonjura, meu Deus, Pensava Totó Pereira.
> [...].
> Dormiram num hotel barato próximo à Estação, por medo de perderem outro trem que os levaria ao destino final, o **Rio de Janeiro**.[78]

Como não amar o Rio de Janeiro? "Cidade grande", "Moderna", "Iluminada", "Elegante", "Belíssima", "Bem-humorada". Nada comparável à modernidade de São Paulo, ocasião em que os novateiros puderam conhecer e ter "o primeiro contato com o verdadeiro progresso" [79] e civilização. Por fim, os jovens cuiabanos, após longa viagem, Cuiabá, Corumbá, São Paulo, Rio de Janeiro, repleta de desafios, bizarrias e descobertas, finalmente, acostaram-se ao seu destino, o Rio, terra da capital federal republicana.

Totó Pereira e companhia hospedaram-se num quarto térreo do casario de Dona Nezinha, próximo ao centro, o aluguel a preço razoável e dividido entre eles. Os novateiros

[77] "Chalana" é considerada música símbolo do Pantanal, síntese histórica e fusão da música brasileira e paraguaia, de autoria do sanfoneiro Mário Zan, composta em Corumbá, de um casarão, rua Manoel Cavassa (quase em frente à ferradura da praça) nº 109, inspirada em uma chalana que descia o rio Paraguai entre os anos de 1943\44. *A verdadeira origem da música Chalana de Mário Zan*. Correio de Corumbá. 09 ago. 2014. Disponível em: http://www.correiodecorumba.com.br/index.php?s=noticia&id=15265. Acesso em: 16 fev. 2022.
[78] RODRIGUES, 1977, p. 16-17.
[79] RODRIGUES, 1977, p. 17.

escolheram uma "pensão barata" para realizarem suas refeições e depois seguirem por um longo percurso até aos Correios, local dos novos afazeres.

Como registro dos acontecimentos, seguem as impressões do Rio de Janeiro:

> Até que o Rio não era mau.
> O centro com seus altos edifícios, as lojas tão limpas, com a mercadoria tôda etiquetada, bem arrumadinha, que dava gosto perder horas a fio a olhar aquelas vitrines.
> E o mar?
> *"Mar, belo mar selvagem,*
> *Das nossas praias solitárias! Tigre*
> *A que as brisas da terra o sono embala,*
> A que o vento do campo eriça o pêlo!"
> Tão idêntico àquele mar de Vicente de Carvalho, que conhecera através da Seleta, no terceiro ano de liceu. [...].
> Um encanto de lugar.[80]

Dunga Rodrigues, com o uso da expressão, "eles comeram *do pão que o diabo amassou*", evidencia como foram os primeiros dias no Rio de Janeiro. Refiro-me aos aspectos relacionais e de alteridade, do acolhimento de pessoas interioranas e de seus costumes (dos que se amoldaram ao desafio de viver "às margens da civilidade, do progresso, da modernidade e modernização"), mas também às questões que dizem respeito às diferenças socioculturais e afetivas e, acima de tudo, às lutas políticas e econômicas no âmbito de uma sociedade introjetada pelos padrões e valores burgueses e um modelo de vida capitalista, excludente e desigual. Tais questões são perceptíveis no local de trabalho, na pensão, nos passeios de encontro do (eu) carioca e do (outro) cuiabano.

Citamos como exemplo o emblemático encontro nas agências dos Correios e Telégrafos, da capital federal, onde havia muitos trabalhadores de Mato Grosso e, entre eles, muitos cariocas. Para os cariocas, o linguajar e os costumes dos cuiabanos eram fonte de divertimento, sarcasmo e humor. Nessa perspectiva, o cuiabano, era ultrapassado e matutório, de tal modo que os cariocas tricotavam inúmeras recomendações ao jovem Totó Pereira:

> – Olhe, Totó, você precisa namorar e casar com uma carioca, que o ensine a falar bonito e a andar desempenado perdendo a figura arcada, de quem carrega todos os pecados do mundo.
> Como lhe custou habituar-se com a expansividade e o humor carioca! Sentia-se como um pinto, que só dificilmente conseguiria sair da casca.[81]

Ante ao registro, como não se sentir como um pinto dentro da casca, envergonhado, embaraçado e desgostoso, diante da expansividade e do humor carioca? Nesse sentido, é

[80] Idem, p. 17.
[81] RODRIGUES, 1977, p. 18.

fundamental pensarmos sobre a desconfortável vergonha de estarem "rino no tchá cara"[82], pois ela é "emoção dolorosa que surge da consciência de alguma coisa desonrosa, ridícula e indecorosa no comportamento ou circunstâncias de uma pessoa [...], ou de estar numa situação de que ofenda o senso de recato ou decência de alguém."[83] "Tchá por Deus"[84]! Ninguém quer admitir isso de si mesmo, mas a nudez provocada pelas palavras ditas em cuiabanês e os trejeitos "grocotchó" [85] de Totó Pereira o envergonharam porque é engraçado, é cômico, é "digoreste"[86]. Mas, vamos deixar a vergonha de lado, "largar de moage", pois não seria de todo ruim arrumar um "catcho" [87], "cotxá" [88] e "de jápa" [89] formar uma família "podre de chique" [90].

E, para complicar, é basilar refletirmos sobre a dificuldade de estarmos em situação de embaraço: "1. Estado ou condição embaraçosa, *esp*. de assuntos monetários, circunstanciais etc. b. Perplexidade, confusão de pensamento; hesitação; restrição que surge de vergonha ou timidez."[91] Timidez é um dos atributos de Totó Pereira, ou seja, o estorva, o embaraça e faz sentir o batimento cardíaco acelerado e a respiração irregular.

Para Totó Pereira, toda essa situação de encontrar-se distante do seu mundo, de sua gente, dos seus costumes e afetos causava-lhe um certo desgosto: "[...]; insatisfação instintiva profunda. [...]. Um surto de sentimentos adversos mútuos; uma altercação. [...]. O que lhe causa repugnância; uma contrariedade." [92] "Agora quãndo!?"[93] Qual é o problema de ser cuiabano? Seria o desgosto um pré-requisito indispensável para nossa melhoria diante dos reveses da vida? Ou reação moral impelida pela raiva? Tolerância ou indignação, eis aí a questão. "Cânháem".[94]

A "londjura"[95] fez com que Totó Pereira pensasse sobre suas origens e rememorasse sua Cuiabá, "Em Cuiabá as mães se preocupavam: – Saia do sol! saia do sol! No Rio: – Vão

[82] Rindo na presença de alguém. Disponível em: https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/cultura/dicionario-cuiabano/. Acesso em: 27 fev. 2022.
[83] WALTON, 2007, p. 247.
[84] Expressão de espanto, admiração, dúvida. Disponível em: https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/cultura/dicionario-cuiabano/. Acesso em: 27 fev. 2022.
[85] Pessoa mole, doente, desanimado. Idem.
[86] Ótimo, bom, exímio. Disponível em: https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/cultura/dicionario-cuiabano/. Acesso em: 27 fev. 2022.
[87] Namoro, paquera, amante. Idem.
[88] Relação sexual. Idem.
[89] Grátis, o que vem a mais. Idem.
[90] Bonito, elegante, bem vestido. Idem.
[91] WALTON, 2007, p. 281.
[92] WALTON, 2007, p. 103.
[93] Interjeição de dúvida. Disponível em: https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/cultura/dicionario-cuiabano/. Acesso em: 27 fev. 2022.
[94] Expressão usada para discordar. Idem.
[95] Distância. Idem.

para o sol! Vão para o sol!" [96] Sobretudo no que diz respeito aos hábitos e a dieta alimentar na relação direta com as epidemias e consequentemente às práticas de cura e saberes populares. Vejamos as comparações dissonantes entre Cuiabá e suas bizarrias e o Rio e suas modernices:

> Depois da espanhola, deram para curar gripe à base de frutas cítricas.
> Aqui prá nós, por muito tempo, atribuíram-se muitos malefícios a todas as frutas ácidas.
> A fruta é **fria**, diziam, e faz levantar a febre.
> Havia uma série de frutas **frias**, outras quentes e coliquentas.
> Melancia nem se fala.
> Chupavam nas escondidas, pois era veículo de febre tifo.
> Aliás, conhecemos algumas pessoas de certa localidade do Rio Grande do Sul, com êstes mesmos preconceitos.
> Jaboticabas, pretinhas e madurinhas da silva, só se comiam com mil recomendações, para não engolir os caroços e ficar entupigaitada. Mangas, só após as primeiras chuvas.
> Traziam mil consequências as premissas, tão desejadas e gostosas.
> Caju, muito recomendado hoje como dieta depurativa e paar o mal da diabete, só recomendavam o doce.
> A fruta irritava a garganta e às vezes favorecia o crupe.
> Só o mamão, do qual se fabricava em casa poderoso xarope para curar coqueluche, era aconselhado e até forçado as crianças comerem.
> Tudo neste Rio maluco era diferente.[97]

O Rio de Janeiro, feiticeiro, era antítese de Cuiabá, capital de Mato Grosso. Viver no Rio, como os cariocas, era o sonho de consumo de muitos cuiabanos. No entanto, para Totó Pereira, tudo era muito diferente, por hora um pesadelo, pois a saudade de estar entre a vizinhança portenha era imensa:

> Tudo neste Rio maluco era diferente.
> Porém, nele se precipitavam, ao primeiro abalo da saúde, atrás das sumidades da medicina.
> Enquanto as gentes de posse iam até Nápoles, Vichy, ou mesmo Suissa, pra curar o mal do peito, ou complicações do fígado e febres indiciosas.
> – Se Deus quiser este Rio feiticeiro não me enredará em suas tramas.
> Resistir – era a palavra de ordem.
> E já ia normalizando a angústia dessa aventura, quando a carta veio espicaçar-lhe os sentimentos adormecidos, e a saudade jorrou com ímpeto, aflorando as doces reminiscências do lar, da vizinhança, dos costumes da terra.[98]

"A carta" de Tia Dália é descrita entre as páginas vinte e um (21) até vinte e oito (28) de "Os Vizinhos". Tia Dália, cuidava de todos os problemas de família, tudo passava pelo seu pente-fino e censura. Mulher enérgica e esclarecida, não era flor de se cheirar, de pouca beleza, solteirona, mas se fazia notar por suas leituras, obras literárias de sucesso à

[96] RODRIGUES, 1977, p. 20.
[97] Idem, p. 20.
[98] RODRIGUES, 1977, p. 20-21.

época, o permitido às moças de família. Escreveu a tal carta nas minúcias, trazendo notícias palpitantes ao seu sobrinho, Totó Pereira, a fim de fazê-lo lembrar da maior festança do ano, a do Senhor Divino.

Dunga Rodrigues dá ênfase por meio da carta endereçada a Totó Pereira aos aspectos dos mais relevantes acerca da cuiabania, entre os quais destacamos a forte religiosidade, a importância dos festejos profanos, assim como dos ritos sagrados (missa, novena, procissão), dos costumes (bebidas, comidas típicas), das tradições (touradas), das cantorias e danças; o envolvimento das pessoas da cidade (1º distrito) ao porto (2º distrito), reunidas durante as festividades em honra ao Senhor Divino.

Os festejos do Senhor Divino prolongavam-se por vários dias do mês de maio. O bando divulgava o início das festividades: "Este bando se compunha de cavaleiros que, por categoria, se agrupavam em três tipos de fantasiados: os de luxo, os remediados, com roupas mais simples, e os mascarados." [99] Os componentes do bando atiravam panfletos pelas vias e vielas de Cuiabá, tecendo críticas aos políticos, aos poderosos, às pessoas comuns e até mesmo aos "paus-rodados indesejáveis."[100] Bandas de música do exército e da polícia duelavam durante o baile, o tradicional "rebuça e chuça". Além disso, as bandas de promessa, como a de João Marinho, não deixavam a dança entre os mais jovens esfriar. As esmolas ao Divino, o auge da festa, nesse dia, até o comercio e órgãos públicos fechavam. Os pianos (alemães) de Dona Astrogilda e de Dona Zulmira Canavarros, concedidos ao Santo, também faziam parte dos bailes e dos arrasta pés, até os casados dançavam.

Na madrugada, havia a queima de fogos: "Rojões que acordavam porto e cidade."[101] E o delicioso chá com bolo de queijo e de arroz saído do forno, especialidade de Dona Maria Murtinho, filha de negra mina forra, agregada da família Murtinho. Na sequência, o leilão, seguido do hasteamento da bandeira. Mais danças, comilanças e bebidas por conta dos festeiros. Após a procissão, ao som do hino do Espírito Santo, os festejos iniciavam com missa, novena e terminava com missa, às nove horas, domingo, na matriz.

Nos dias de touradas: "Diversão desumana, porém, quem se incomoda com o sofrimento dos bois?"[102], era um desfile de chapéus das moçoilas do Lava pés e da Mandioca. [...]. Êta festa danada de boa! [...]. Vinham môças de Corumbá, ourudas e bem

[99] Idem, p. 22.
[100] Idem, p. 22.
[101] Idem, p. 23.
[102] RODRIGUES, 1977, p. 24-25.

vestidas. [...]. Velhos, moços e crianças participavam de todos os atos, sem preconceito de idade."[103]

Na transcrição abaixo, apresentamos um fragmento dos panfletos distribuídos pelos bandos de cavaleiros. O texto é instigante e revelador de práticas e dos comportamentos rotineiros:

> E à tarde do mesmo dia, então
> Percorrerá as ruas a procissão,
> A qual, por certo todos os fiéis
> Irão acompanhar olhando os pés.
> Viúvas que ainda querem se casar,
> Moças que só querem namorar,
> Casadas que não importam co'os maridos
> E mocinhos nas orgias já perdidos.[104]

Nos panfletos temos as evidências do entrecruzamento entre o público e o privado, entre o profano e o sagrado. Liberdade de expressão. Desejos. Sonhos. Esperança. Crença nos poderes sobrenaturais. Fé?! O Divino estava encarregado de um fardo moral enorme, fazer casar viúva, suprir a vontade das namoradeiras e dar um jeitinho de apagar o fogo das casadas.

Do Rio à Cuiabá: a cômica e inesperada remoção

"Como é que pode ficar tão besta em tão pouco tempo? Totó Pereira estava até pegando um jeito de carioca, ao se surpreender com a remoção. Bem feito. Pediu que pediu, teve o que quiz."[105] A saudade já era coisa do passado. Viver no Rio tornou-se um sonho. "Trançou todos os pauzinhos."[106] Tia Dália, escriba da família, valeu-se das amizades, de suas comadres Faustina e Roberta, esta última vivia no Meyer, capital federal, viúva, mãe de doze filhos, perita em fazer pedidos. "Criatura admirável. Se tivesse estudo, daria melhor político que o Senador Azeredo, que só lembrava da terra, quando vinha dançar baile no palácio e colher votos para a reeleição."[107] Mas infelizmente nem mesmo "o Pai dos Pobres" fez o milagre. "[...]. Porque mato-grossense quando pega posição, fica posudo e se escondendo dos conterrâneos."[108]

Totó Pereira recebeu a notícia de sua remoção de modo abrupto, "justamente na hora em que só ia lapidando das arestas provincianas e já gostando daquela oportunidade

[103] Idem, p. 25.
[104] Idem, p. 27-28.
[105] Idem, p. 28.
[106] Idem, p. 28.
[107] RODRIGUES, 1977, p. 29.
[108] Idem, p. 28.

e que lhe permitia desfrutar de um legítimo **banho de civilização**."[109] Inclusive, sua namoradinha, "que o adestrava no **flirt**, ficou de olhos marejados com a notícia."[110]

Na volta ao lar, Totó Pereira tratou de revestir-se dos trejeitos carioquês. Isso lhe rendeu piadinhas e ele caiu em ridicularização entre seus conterrâneos. Todavia, os dias no Rio de Janeiro deram-lhe um certo prestígio entre as moças de boa família. O dito cujo logo cortejou Hermínia, moça do sul e muito simpática e, apressadamente, fez o pedido de namoro para o pai dela. "Só vendo a bruta tábua que o coitado levou! Também, ele tossiu e sumiu. Foi parar na Serra da Chapada. Lugar pitoresco e milagroso para curar males do peito e do coração."[111] Desejoso de esquecer a paixão pela moça rica e os vexames ao posar de carioca para seus amigos, deixou a poeira baixar e desceu a serra no lombo de um burro, arredio e calado.

Antonina, moça de classe média, dezoito anos, morena cor de jambu, olhos de jaboticaba e lábios de sapoti, fruta estranha e apetitosa, foi a saída para resolver os entraves da vida de Totó Pereira. "Que moça janeleira o era!" [112] Não queria ficar solteira e estava pronta para fisgar o primeiro peixe que caísse na rede. "Totó Pereira fez um pouco de cêra. Embromou um tanto para não dizer que estava roxinho para casar-se e cicatrizar de vez o seu despeito antigo."[113] Pois bem, Antonina e Totó Pereira uniram-se em matrimônio. No almoço: leitão assado e galinha ao molho pardo. Após a cerimônia religiosa, foram servidos bom-bocado e doces de compota. A noite de núpcias foi na pequena casa cor de rosa de cancela azul. "Mas foi aí mesmo que a ninhada engrossou. Um lar feliz." Entretanto, Gioconda, irmã da noiva, opunha-se ao enlace, pois temia pelo futuro de Antonina. Mas Totó Pereira dedicou-se com afinco na manutenção de seu lar. Antonina, como boa esposa, cuidava da casa e dos filhos: Benedito (Bené), Dadá, Tita e Nadir.

> Era de praxe, às vésperas do Natal, ao redor da mesa do almôço, Totó Pereira perguntar aos filhos os seus desejos para o grande dia. – Não se aborreçam e não comecem com esses pedidos que não valem vintém. Eu os levarei um dia para ver a Avenida Central. [114]

Totó Pereira sonhava acordado com o Rio de Janeiro, com o progresso e a modernidade da cidade grande. Um sonho antigo, esperançoso, cultivado na alma dos filhos e contido no coração de Antonina. Ele, pelo visto, foi enfeitiçado pelo Rio, queria ser

[109] Idem, p. 30.
[110] Idem, p. 30.
[111] Idem, p. 30.
[112] Idem, p. 31.
[113] Idem, p. 31.
[114] RODRIGUES, 1977, p. 9.

doutor, diplomado em medicina. O malandro comprou até um diploma de médico. Não atuou na área, mas gostava de receitar tratamentos infalíveis para os seus.

Considerações finais

O progresso e a modernização foram problemáticas importante na produção intelectual de Dunga Rodrigues, o elemento-chave e central na construção de sua narrativa. Para ela, o progresso corroeu os laços de amizade nutridos pela vizinhança. Nessa perspectiva, a modernização dos espaços públicos e privados, contribuíram para esfacelar os costumes arraigados, e tornou-se mais evidente a distinção entre os que podem ter e os que não podem usufruir dos bens de consumo.

Dunga Rodrigues foi uma escritora que fez uso de fontes populares para fundamentar seus escritos literários, em virtude, das demandas do cenário nacional. Sua atuação envolvia a promoção e o cultivo da cultura local, destacando elementos populares, tradicionais e modernos, a fim de fortalecer características regionais e geopolíticas de Cuiabá-Mato Grosso. A apropriação da oralidade, por exemplo, visava representar uma sociedade com características "genuínas", em contraposição ao que vinha de fora. Consideramos a obra "O Movimento Musical em Cuiabá", publicada dois anos antes do falecimento de Dunga Rodrigues, reveladora de traços marcantes da personalidade da escritora e de todo o seu esforço de trazer à tona a pesquisa sobre o rasqueado cuiabano, em busca de preservá-lo como símbolo cultural da cuiabania e o porquê do registro de memórias e de suas pesquisas iniciadas da década de 1920.

Esta obra foi ofertado aos "advindos" como presente festivo. Mostra-se reveladora por sintetizar a ideia de harmonizar passado e presente, com um olhar profundo e mais carinhoso para com as futuras gerações, em especial, de cuiabanos e filhos (as) das famílias que chegaram após o movimento migratório nos idos de 1970. Cuiabá do século XXI é o aconchego de todos (as) que fizeram e fazem dela sua nova pátria, afirmou a autora.

Recebido em 04 de maio de 2024
Aceito em 27 de junho de 2024